



ALFONSO DE SÁ

Príncipe, 23. 1. andar.  
Em todas as livrarias e na rua do  
AVULSO 80 REIS

Publicado em Lisboa, Portugal, em 1900.  
Tudo Universal e Mundial de 1900.

DE SÁ  
PRINCEPS

1900

REVISTA LITTERARIA  
ALFONSO DE SÁ

# UNIVERSAL MAGAZINE POR CULVAZ



Festa da inauguração

## A BENÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A machina flameja,  
Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.  
Mas antes de partir mandem chamar a Igreja  
Que é preciso que um bispo a venha baptisar.

Como ella é com certeza o fructo de Cain,  
A filha da razão, da independencia humana,  
Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,  
E convertam-na á fé Catholica Romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados,  
Porque é feita de cobre e ferro; e estes metaes  
Saem da natureza, impios, excommungados,  
Como sahimos nós dos ventres maternas!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ella encerra,  
Extrahi a heresia ao aço lampejante!  
Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra,  
E hade ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,  
Como um sonho febril, n'um doido turbilhão,  
Além do machinista é necessario o hyssope,  
E muita theologia... além d'algum carvão.

Atirem-lhe uma hostia á boca famulenta,  
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-na a resar,  
E lancem na caldeira um jorro d'agua benta,  
Que com agua do céu talvez não possa andar.

### GUERRA JUNQUEIRO.



**Aos futuros biographos dos comboios portuguezes offercemos as seguintes notas que constituem uma pagina intima da vida d'um *expresso*.**

Os sagrados penhores das nossas instituições mardrugaram n'um dos ultimos dias, e resolveram ir em viagem festiva até ao Porto.

As sete horas da manhã batem á porta da estação do Caes d'os Soldados os sagrados penhores, e perguntam pelo *expresso*. O *expresso* que se levante, queremos partir.

Reaes senhores: O *expresso* já ali vem: está a acabar de fazer a barba e vae almoçar. Um quasi nada de demora: entretanto cantemos a ballada de M.<sup>me</sup> Angot.

Então o *expresso*?

Está prompto o *expresso*, aqui está elle: barbeado, de camisa lavada, mala a tiracollo. Então sempre é cousa resolvida a viagem? Não ha duvida, partamos. Não se diga que um *expresso* portuguez reacia affrontar os frios da manhã. Ávante e que o archanjo Gabriel nos acompanhe — no fourgon.

O *expresso melancolico*:

Como é linda a primavera! rescende o sr. Eduardo Vidal na fragancia dos silvedos. Colhamos uma rosa. Não se diga que uma locomotiva portugueza é insensivel aos encantos da natureza.

E o fumo da locomotiva ergue-se em espiraes até ao throno do Altissimo. Um esforço mais e com o auxilio do Senhor antes que o sol mergulhe no occaso transporemos na vertigem da carreira — o Poço do Bispo!

E o *expresso* ia avançando: os sagrados penhores dormiam.

Repousemos um instante á sombra do salgueiral! Como é bello contemplar o patrio, o cristallino Têjo.

A caminho! a caminho! além te aguardam.

Azambuja, Sant'Anna.

Até que emfim! murmura com abatimento o *expresso*, toca a beber um golo do Cartaxo. A vida é breve; coroeimos a fronte de rosas, erguendo a taça do phalerno.

A caminho! a caminho! Abre a aza febril, ó nobre locomotiva portugueza e córta o espaço! Tempestade atravessa os mundos!

Alverca, Povoá.

Senhores, isto é de mais. O sol encandescente abrasa a face da montanha, e vós a arremeçar-me carvão, carvão, só carvão! Dae-me revalesciere ou então o vosso esquecimento. — Preciso aparar um calo.

Leal locomotiva: recorda-te que a patria dos Albuquerque e dos Barros é tambem a tua!

E o *expresso* cheio de melancolia e tristeza, ia avançando, avançando, avançando!

\*  
Villa Franca, Santarem, Entroncamento.

\*  
A sésta, meus amigos, a sésta! Durmamos um pouco. Oh! como é bello, á hora do meio-dia repousar n'um leito de verdura, á sombra dos arvo-redos, escutando o murmúrio do regato crystallino.

\*  
Veneranda locomotiva portugueza: lembra-te de que és-*expresso* e de que a Invicta nos aguarda. Se te compraz avancemos: serão recompensados os teus nobres estimulos.

\*  
E o *expresso*, o triste, o melancolico ia avançando, avançando, avançando.

\*  
Formozelha, Coimbra!

\*  
Eis-nos enfim chegados. Cinjamos n'um doce amplexo a briosa mocidade academica. Viva a nobre academia, viva o sr. Olympio, viva a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Janny! Uma carruagem, cocheiro, uma carruagem. — Hotel do Mondego.

\*  
Briosa locomotiva nacional, nós, o poder executivo, pedimos-te que avances, em nome dos interesses nacionaes. Não queiras lançar um labeu sobre a actividade publica. Aqui tens, escolhe. Uma arrufada — ou o nosso odio.

\*  
E o *expresso*, o leal, o patriotico, ia avançando, avançando, avançando.

\*  
Mealhada, Aveiro.

\*  
Até que enfim cheguei! Meus nobres amigos, honrados pescadores! Um abraço, um aperto de mãos: consenti que vos estreite no meu seio. Fallemos do mexillão.

\*  
Honesto locomotiva, exclama o ministerio apeando-se, parte em nome da patria! exoramos-te a que partas!

\*  
Nunca, senhores, nunca!

\*  
Pois bem, soffrerás a nossa indignação juntamente com algumas cocegas, e que o sr. arceediago Pires de Lima te excomungue (*exorcismo e cocegas.*)

\*  
(*O Campeão das Provincias e o sr. Pires de Lima, com disfarce em altos brados*) Viva o nobre duque de Loulé!

\*  
Oh, isso nunca! A triste, a melancolica locomotiva portugueza está com o partido regenerador! Regeita pois os vossos vivas. Que elles expirem sem ecco nas infinitas solidões! (*Parte commovida.*)

\*  
Viva o ministerio! bradam ás janellas da carruagem os srs. ministros.

\*  
Ovar, Esmoriz.

\*  
Meus amigos. Até que enfim! Não posso mais. Se exigem a minha cabeça cortem-ma, aqui a teem, mas deixe-me adormecer, cantando ao som da viola!

Eu abafo, eu morro, eu estallo  
Tenho somno, estou cançada,  
Cheia de fome e poeira.  
Tenho sede, doe-me um callo  
Ah, salte uma limonada  
Espergueira!

Cae-me o suor pelas costas,  
Preciso mudar de meias  
Doe-me a cabeça do sol!  
Tu gostas d'isto, oh, se gostas!  
Aqui estou, abre-me as veias  
Queriol!

\*  
(*O ministerio indignado*) Infame locomotiva nacional: não caminhas? pois bem. (*Dá-lhe com um pau.*)

\*  
E ella, a melancolica, a triste lá vae attribulada, suando, encostada ao guarda chuva, quasi sem botas, silvando de indignação.

\*  
Valladares, Gaia.

\*  
Nobre presidente do poder executivo; eu, a tua filha predilecta, aqui o declaro á face do ceu e da terra: não mais! Caminhe por seu pé quem quizer. (*Deita-se no chão.*)

\*  
(*O Genio nacional com ar solenne*) maldita sejas tu ó filha ingrata. Fica com a tua ignominia, e o teu remorso. Nunca a nobre raça lusitana exigiria de ti o jacobinismo do transpor 80 kilometros n'uma hora: escuta porém a nossa palavra derradeira. Se Nicolau Tolentino possuisse um *expresso* portuguez, pegava n'elle, fazia-lhe um soneto e atirava-o á margem.

TELEGRAMMAS DO NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL NO PORTO

15, ás 9 h. 35 m. da n.



Chegamos assim.



9 h. e 56 m.



O povo.... ás pinhas!!!



10 h. e 15 m.

Hospedarias...

assim.



Clegada a Braga.

Habitantes convencidos de que as locomotivas foram inventadas pelos judeus do Bom Jesus do Monte.

16, á 1 da n.

Vinhos: admiravelmente bons, como muito bem disse em telegramma o sr. Teixeira de Vasconcellos, redactor do *Jornal da Noite*.



17, 12 h. 3 m. m.

A imprensa muito bem recebida e coberta de atenções pelo governo, pela camara municipal em particular, e pelas botas em geral.



17, 2 h. 10 m. n.

Bailes delirantes; grande quadrilha do poder executivo.



Indignação do cabido.

## CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo



—TEM TROCO D'UM VINTEM?



Já o esperavamos.

A *Nação* irritou-se.

Fez mal, ou antes, fez bem.

Olha, *Nação*, senta-te aqui ao pé de nós: não fujas que ninguém te faz mal: tira a mantilha, mette o roziário no bolso, descalça os mitenes de retroz e escuta, pobre velha.

Tu chamaste-nos barbaros, grosseiros, communistas: collaste ao nosso obscuro nome todos os adjectivos feios da tua velha rhetorica miguelista, e por que, santo Deos? Por que pregámos n'uma

cruz — com o lapis — o sr. Serpa, ministro da fazenda!

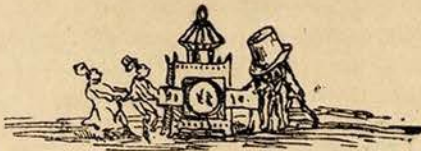
Ó tristissima *Nação*, tu queres para ti e para o teu Christo o monopolio da cruz? Mas a cruz como instrumento de supplicio é velha, muito mais velha do que elle! Antes do grande Martyr ser suppliciado, já, de igual maneira, o tinham sido muitos delinquentes; e tu, *Nação*, condemnando-nos, condemnas a tua propria Igreja que na cruz — a impia! — suppliciou alguns hereticos. Ignoras, talvez isso. Pois fica-o sabendo.

E demais, *Nação*, se Christo expirando na cruz nos impediu de usar da cruz como instrumento de supplicio, S. Lourenço morrendo sobre a grêlha, obrigar-nos-hia a uma identica prova de respeito;

e todavia — ó impíos — ainda ha quem tenha o cynismo de torturar no mesmo instrumento, que foi o supplicio e a gloria d'um santo, o que? meu Deos! — um beef!

Olha, *Nação*, o teu Christo, porque é um pouco rabujento e feroz, póde ser que se amofine comosco por lhe usurparmos momentaneamente o que elle e tu suppõem ser a *vossa cruz de redempção*: sim, eu conheço-o! elle é o leitor mais assiduo do *Universo* de Luiz Veiullot, faz parte da deputação carlista da Navarra e é quem subseve sempre com maior verba para as campanhas travadas contra a razão e contra a luz; ha entretanto um outro Christo, o simples Galileu, bondoso, sereno, justo, com um suavissimo sorriso de paz nos labios e um immenso resplendor de luz na fronte; esse, *Nação*, nada tem de commum contigo, nem com os supplicios infligidos á politica do sr. Antonio de Serpa. Podes crê-lo.

Agora, temos a pedir-te um obsequio. Continua a dedicar-nos os teus artigos de fundo, porque, elles são para nós — a melhor das *reclames*. Devemos-lhe mais d'uma assignatura.



#### CARICATURAS EM PROSA

Segundo telegrammas enviados do Porto ao *Diario de Noticias*, na mesa do banquete offerecido á realesa, figuravam, como ornato, oito pavões. Uma pergunta innocentissima: estaria entre elles o sr. marquez de Avila?



Ó Coelho a tal coelheira  
Do *diario* quanto dá?  
Dá-te bastante cansaera,  
Muita gloria, muita asneira?  
Diz-me cá!

Quanto colhes do annuncio  
— Abrenuncio! —

E da venda pelas ruas,  
Cada mez?  
Quanto colhes, diz-me em summa:  
Dou-te uma,  
Dou-te duas,  
Dou te tres.

Esse negocio das folhas  
É uma mina do Perú!  
Oh Coelho não te encolhas!  
Quanto é que colhes tu?



Telegramma transmittido pelo cabo submarino:  
Fundo do Mar 16 ás 3 h. 17 m. da m.

«Estou contentissimo com a faca de mato. Tridente muito velho. Faca magnifica para o effeito. Hontem sahi com ella. Tritões, sereias, nereidas, toda a côrte contentissima. Agradecimentos a Zacharias.

Neptuno.»



Deixou de ser nosso assignante o sr. padre Francisco Maria Cochixo, de Borba, Alentejo. Sentimos profundamente que este facto se tenha dado, por nós, pelo sr. padre Francisco — e pelos coxichos.



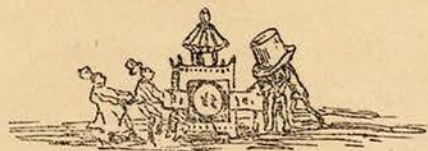
Quando Morpheu, casualmente,  
Deixa o bom somno immortal,  
Pega logo de repente  
Nas poesias de Vidal.



Gil Vaz apparecendo na primeira caricatura da *Lanterna Magica* cobriu a cara com o chapéu, na persuasão de que para definir as suas ideias era muito dispensavel dar o seu retrato.

Como porém este proceder póde não ter agradado geralmente, apressa-se a declarar, que além da rasão exposta, as unicas que influiram no seu espirito foram as seguintes: ser modesto — e feio.





Um facto de que toda a imprensa se tem occupado, e a que nós juntaremos ainda alguns esclarecimentos, conforme nos foram referidos:

Um cidadão (assim lhe chamou o jornalismo grave) passava pela rua lendo o *Diario de Noticias*, e parando de quando em quando contemplativo diante das vitrines. O sr. commissario de policia achou um tanto extraordinario que um cidadão procedesse d'um modo tão audacioso e começou a meditar. É chamado o sr. May Figueira. O sr. May é um medico e além d'isso um sabio. O facto referido, ainda quando não se desse outro, era realmente bastante para fazer duvidar da completa lucidez da pessoa que o praticava. Cair em extasi diante das vitrines, ler a proza do sr. Eduardo Coelho!... Um collete de forças, depressa, um collete de forças!

O cidadão queixa-se, reclama, protesta, quer dar provas da inteireza do seu juizo, recitando as *Flores d'alma que se alteiam bellas* do sr. Thomaz Ribeiro, mas a policia pisca o olho ao sr. May e o sr. May faz um meneio de cabeça significativo. O cidadão braceja, faz acenos, reclama, mas a autoridade constituída lança-lhe o braço vigoroso, cinge-o pela cintura, empolga-o, enrosca-se-lhe, em quanto elle protesta ainda, declamando sem falta d'uma virgula, o *Ultimo harpejo d'alma* do sr. Florencio — o que corrobora a opinião do agente da autoridade!

Em tão triste conjunctura, o supposto enfermo, resignado e cheio de prudencia, procura explicar, da forma a mais pacifica, que é erroneo o juizo que a sciencia e a policia formam d'elle. Chama serenamente os que o rodeiam, pede papel, e a fim de dar um testemunho irrecusavel e eloquente do perfeito estado das suas faculdades escreve  $3+3=x$  propondo-se resolver tão grave problema. A sciencia presente põe os olhos, a policia abre os olhos e o cidadão dá a seguinte solução: tres vezes tres, nove, noves fóra — nada. Todos os circumstantes sorriem com ar desdenhoso e sceptico. Pegam no papel, miram-n'o do avesso, pela transparencia, alisam-no com a mão e exclamam: tres vezes tres nove? Impossivel. Sejam consultados os poderes publicos. Depressa; vão já bater á porta dos poderes do estado e digam-lhes que venham já. Precisamos aqui d'elles. Suas excellencias que saltem!

Os poderes publicos que estavam em casa, de

chinellos e em mangas de camisa, nem lavam a cara! Calçam as botas á pressa, vestem a sobrecasaca, mettem a caixa do rapé no bolso, dão corda ao relógio, pegam na bengala e põem-se a caminho. Chegam, collocam os olhos, pegam no papel, miram-n'o, remiram-n'o, vão com elle á claridade, voltam, assoam-se, tomam uma pitada, e sentam-se com o queixo fincado nas mãos, apoiadas no seu castão d'unicornio.

É chamado um theologo. Este medita um pouco no caso, e diz que tres vezes tres são tres pela mesma razão de que tres pessoas fazem uma, como no mysterio da Santissima Trindade. Scismam todos.

O poder judicial puxa do seu lenço de ramagens, e da Novissima reforma, consulta as Ordenações, os Commentarios ao código do sr. José Dias Ferreira, e reconhecendo que a especie não está prevista na legislação — deita-se.

É chamado o sr. Viale, que declara peremptoriamente que entre os Helenos a multiplicação não era conhecida. Homero não falla n'ella, nem Socrates a menciona em nenhuma das suas obras, segundo a opinião do sr. Silva Tullio.

Ouvido o sr. presidente do conselho, s. ex.<sup>a</sup> declara solemnemente, á face da assembléa, que dado o caso de se tratar de subtracção chamaria os compadres para resolverem o problema; assim, o governo varria a questão da sua testada e que a decidisse quem quizesse.

O sr. barão do Zezere emittindo a sua valiosa opinião, não decide cousa alguma, porque das quatro operações fundamentaes só conhece a Divisão — de Lisboa.

O poder moderador em ultima instancia, começa a contar pelas mãos, mas achando a operação complicada, resolve não se decidir.

—Scena cheia de magnanimidade e de tolerancia politica.—A opposição é ainda convidada a fallar, mas ella que a levava fígada, declara que sabe quantos são tres multiplicados por tres mas que o não quer dizer para que o governo se não aproveite da sua declaração. Que não discute. Poder-lhe-hão arrancar a vida: o segredo nunca. Por isso, quartel general em Abrantes tudo como antes.

Assim nem a policia, nem a sciencia, nem os poderes do estado, nem a theologia, nem a politica, nem a historia, nem a litteratura antiga, nem qualquer das quatro especies decidirão o caso. Decidil-o-ha um poder mais elevado; o Tempo, senhores, o Tempo.

Tenha o sr. fulano de tal a bondade de estar oito dias á espera do que resolve o tempo, e fallaremos.



Em quanto ao sr. May (Mé), s. ex.<sup>a</sup> é um sabio official. O estado paga-lhe para isso, o poder moderador estima-o e não só os homens sabem o nome de s. ex.<sup>a</sup>, mas tambem lh'os sabem — embora devido a uma fatalidade organica — as ovelhas.

\*

Entretanto não desejamos fazer juizos erroneos. O publico apreciará a justificação que s. ex.<sup>a</sup> pretende dar do seu procedimento, á face dos tribunaes.

#### ERRATA

No nosso numero ultimo, na carta dirigida á Reacção, deu-se uma falta que vamos corrigir para evitar reclamações e para restabelecer a verdade dos factos. Aonde se lê: «Esforça-te por lavar mais a miudo a consciencia e os pés, não desprezes sobretudo esta ultima parte» deve lêr-se: «não desprezes sobre tudo estas ultimas quatro partes.»

#### SCENAS

Despediu-se de nós o *Drama do Povo*. Coitado! Desfolhemos-lhe uma roza em cima da sepultura, por que, emfim, se não era uma peça bem feita, era pelo menos bem pregada. Sómente alguém lhe

podia achar o pequeno defeito de não ter côr sufficientemente definida, por que elle era azul e branco, era vermelho, era preto com *p* pequeno, e era Preto com *P* grande.



**LANTERNA MAGICA**  
NUMERO 2 — 1.º ANNO  
RUA DO PRINCEPE 23, — I. ANDAR. — LISBOA  
VENDA AVULSO, 60 RS..

n.º 2; 22/5/73



# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

---

## DA REORGANISAÇÃO SOCIAL AOS TRABALHADORES E PROPRIETARIOS

POR

JOÃO BONANÇA

VENDE-SE em todas as livrarias de Lisboa.

---

## FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DOS COSTUMES E DA LITTERATURA

POR

RAMALHO ORTIGÃO

---

## VINHO DO PORTO

40:000 garrafas de primeira qualidade

RUA DO ALECRIM N.º 23 A

---

## ODES MODERNAS

POR

ANTERO DO QUENTAL

(2.ª EDICÇÃO)

Preço 500 réis

---

## TINTURARIA INGLESA

DE

HERRIGS & C.

Torna rapidamente os cabellos brancos da cabeça, barbas, suissas, e bigode á sua antiga côr. Não contem *Nitrato de prata* nem substancia alguma nociva á saude. Não é necessario lavar antes nem depois, o seu resultado é infalivel em tres dias.

---

Applica-se com uma escova uma a duas vezes por dia, em tres dias o cabelo toma a côr desejada, depois basta usar uma a duas vezes por mez.

Para evitar as falsificações deve exigir-se a nossa marca de fabrica e firmia nos rotulos que acompanham os frascos e caixas.

---

UNICO DEPOSITO

60, Praça de D. Pedro, 61

LISBOA

---

## VIAGENS

POR

LUCIANO CORDEIRO

PUBLICOU-SE o segundo volume. Á venda em todas as livrarias. Preço 500 réis.

---